



## **Escondimento e encontro de Deus e do ser humano. O diálogo que promove a alegria e a vida.**

*Fábio Eduardo de Lima Santos\**

### **Resumo**

A narrativa bíblica, tanto no Antigo como no Novo Testamento, revela diversos momentos onde o ser humano tem a sensação de que Deus se faz escondido, como também apresenta inúmeras situações onde o homem e a mulher procuram fugir e se esconder de Deus. O que nos faz perguntar: é possível que esse ocultamento seja uma realidade imutável e definitiva? Seria o ato de se esconder algo relativo apenas ao ser humano? Ou essa atitude de escondimento também faz parte do processo revelacional de Deus? E ainda: qual o caminho que deve ser feito para que haja esse encontro? No entanto, de antemão, podemos afirmar que há sempre no íntimo de ambos o desejo e a necessidade do encontro. Encontro esse que se transforma em diálogo, vida e alegria.

**Palavras-chave:** Escondimento de Deus. Escondimento humano. Encontro. Diálogo.

### **Introdução**

O relato bíblico vétero testamentário apresenta em diversas etapas da história do povo como Deus foi se revelando e por meio de uma pedagogia divina (SEGUNDO, 2000, p. 137-144)<sup>1</sup> foi mostrando a si e seu projeto de vida. Tal revelação, como já sabemos, alcança seu cume em Jesus Cristo e continua de forma permanente pela ação do Espírito em toda a humanidade.

Porém, diversos são os momentos nos quais esse Deus se faz abscondido para o seu povo ou até mesmo o ser humano que se esconde do seu Deus. Dois exemplos que encontramos nas respectivas situações são o Salmo 42 e o relato do Gênesis (3,8). Apesar de termos um escondimento humano e outro de Deus há algo em comum que perpassa sempre a narrativa bíblica: haverá sempre uma *possibilidade* de encontro, pois existe um desejo real de que isso se concretize. Seja do ser humano que reconhece sua sede, vazio, tristeza sem Deus ao suplicar: “quando voltarei a ver a face de Deus?” (Sl 42,3b). Seja pelo próprio querer de Deus que se faz necessitado de sua criatura ao perguntar: “onde estás?” (Gn 3,9).

---

\* Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Instituição financiadora da pesquisa: Capes. Contato: santos.santtos@gmail.com

<sup>1</sup> A terminologia “pedagogia divina”, acima citada, se sustenta na teologia de Juan Luis Segundo. Portanto, é sobretudo essa corrente científica que possibilita a fundamentação teológica para a reflexão desenvolvida neste texto.



Nesse aspecto o autor do texto bíblico deixa uma sensação de que o escondimento *necessariamente* não será permanente. Contudo, diante dessa afirmação é possível pensar no oposto: *se necessariamente* não será permanente, existe uma possibilidade de que esse escondimento perdure por toda uma vida? É possível não encontrar verdadeiramente com Deus, mesmo sabendo que Ele sempre quer encontrar conosco? Qual alternativa mais plausível para que esse escondimento se finde ou se estenda?

No entanto, de antemão, podemos afirmar que há sempre no íntimo de ambos o desejo e a necessidade do encontro. Além disso, é bem verdade que naquilo que se refere a Deus não é possível esgotar nenhuma possibilidade de revelação. Dessa forma, tendo como ponto de partida o Salmo 32, num paralelo com outros textos bíblicos e pesquisas bibliográficas, buscamos identificar as consequências do permanente escondimento ou da abertura ao encontro com Deus, consigo e com o outro. Pois compreendemos que esse encontro possibilita o diálogo e promove a alegria e a vida, tendo em vista a sociedade atual fortemente influenciada ao fechamento e ao individualismo, porém intrinsecamente necessitada de uma convivência harmoniosa e fraterna.

### **A atitude do orante**

O salmo 32 possui um caráter penitencial e de ação de graças<sup>2</sup>. O orante inicia falando da alegria de se ter uma ofensa absolvida. Antes de expor a sua trajetória de dor, o salmista enfatiza essa certeza (Sl 32,1-2) logo no início e concluirá também com essa alegria (Sl 32,11). Formando assim uma moldura que terá como centro o percurso feito por ele de perda e de reencontro com essa alegria que somente Deus pode oferecer.

Opondo-se a alegria, o penitente expõe a sua dor, fruto do seu pecado. Há neste aspecto o escondimento humano. O indivíduo mergulhado no seu pecado silencia. Ele se cala (Sl 32,3). Como consequência dessa fuga, sente-se esmagado pela própria mão de Deus (Sl 32,4). Ou seja, a consciência do erro cometido e da certeza que ofendeu a Deus o faz sofrer. Coloca-o numa situação de enfermidade, adoecimento e tortura (AZPITARTE, 2005, p. 57-58)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Em conformidade com a Bíblia de Jerusalém, outras citações bíblicas que relatam a certeza do recebimento do perdão quando se confessa com verdade: Os 14,3; Is 1,18; Pr 28,13; Tg 5,16; 1Jo 1,9.

<sup>3</sup> Em relação a isso, E. L. Azpitarte diz: "O indivíduo que rejeitou um valor moral, embora ninguém o tenha visto e ele não espere nenhuma consequência negativa, toma consciência do seu mau comportamento e compreende, por baixo de seus interesses mais imediatos, que dessa maneira não foi fiel a outras exigências maiores. A culpabilidade verdadeira é, no fundo, o reconhecimento sincero e humilde de um equívoco



Diante de seu pecado e de seu sofrimento, o orante vê apenas duas alternativas: ou continua fechado em seu silêncio torturante ou se põe em direção ao Senhor e assume a sua culpa, confiante na misericórdia divina. Entre o silêncio e a confissão, a dor e a alegria, a doença e a saúde, o penitente entenderá que a segunda opção é o que fará bem aventurado. Não existe alternativa. Por isso, vai até o Senhor, não encobre seus erros, confessa seu pecado, é absolvido e perdoado. Percebe que a benevolência, a misericórdia de Deus está posta. Mas para ser alcançada é necessária uma saída de si para experimentar aquilo que já estava ao alcance. O refúgio seguro não está em si mesmo, mas no próprio Deus (Sl 32,7).

Em oposição a essa busca, o salmista, como fruto de sua experiência, adverte para aquilo que é um risco eminente para qualquer ser humano: permanecer na ignorância, no fechamento, no escondimento. Tal atitude arranca o que há de mais divino na pessoa, que é a própria humanidade. Apegado em si mesmo adquire atitudes irracionais. Deixa de ser gente e passa ser animal (Sl 32,9), perdendo o rumo de sua própria existência.

Apesar dessa possibilidade negativa, o canto que vem do salmo nos apresenta por fim o amor envolvente de Deus para com aqueles que nele confiam (Sl 32,10b) e mais uma vez a alegria que se faz presente na vida de todos os que possuem um coração reto (Sl 32,11c). Isto é, de todos aqueles que confiam no Senhor.

Mas, algumas questões ainda precisam ser melhor compreendidas: como sair do próprio escondimento? Como perceber que Deus não permanece escondido? Ou ainda, como deixar Deus oculto, mesmo depois de achar que já O havia encontrado?

### **Abrindo-se para...**

A partir da experiência do orante no Salmo 32, alguns paralelos podem ser feitos para que uma melhor compreensão dessa graça libertadora possa ser estendida noutras direções.

Dois paralelos na dimensão dessa abertura podem ser encontrados em Jo 4,1-30.39-42 (Jesus e a Samaritana) e em Lc 15,11-24. Nesta última citação, que é a do Pai Misericordioso, ficaremos, por enquanto, apenas com a experiência do filho que havia partido de casa.

A narrativa joanina de Jesus com a Samaritana começa com um elemento marcante do ser humano que é bastante presente nos textos bíblicos. Trata-se de uma das necessidades

---

voluntário, a aceitação de um erro lamentável que recai sobre a própria responsabilidade: em vez de agir como pessoa, deixei-me conduzir por outras vozes enganosas. A dor que brota não é por medo de nenhum castigo, por causa da ferida aberta em nosso narcisismo, nem sequer por ter feito o que é irremediável. É, simplesmente, a pena assumida por não ter correspondido a outro ideal mais alto”.



básicas, que é beber, matar a sede, amenizar o cansaço físico (Jo 4,6). Por meio dessa necessidade vital, Jesus leva a mulher a compreender a sua verdadeira sede. Assim como aquela água do poço sacia o corpo, a Água Viva que é o próprio Deus é a fonte inesgotável e indispensável para a sobrevivência humana (Jo 4,7-15).

Utilizando de uma pedagogia divina que não se separa do humano, Jesus leva aquela mulher a se colocar como protagonista daquilo que irá lhe saciar verdadeiramente. A súplica que parte de sua boca, pedindo “dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede” (Jo 4,15), é a chave que abre a porta da sua vida, levando-a a ter a mesma atitude relatada no Salmo 32,3-4a: “*enquanto calei, meus ossos se consumiam, o dia todo rugindo, porque dia e noite a tua mão pesava sobre mim*”. Tal postura fica mais evidente na sequência do diálogo narrado por João (4,17), quando Jesus solicita que a samaritana vá chamar o seu marido e essa responde com verdade e coragem dizendo que não tem marido (BENNER, 2011, p. 78)<sup>4</sup>. O comportamento de abertura e transparência nos remete à decisão do salmista: “*confessei a ti o meu pecado, e meu erro não te encobri*” (Sl 32,5a).

Se o salmista recorre a Deus para aliviar a sua dor, certo de sua misericórdia, a mulher samaritana também faz essa descoberta, pois afirma que Jesus é um profeta (Jo 4,19). Ou seja, aquela mulher experimenta algo novo na sua vida que passa longe de tudo aquilo de mais angustiante e vazio que ela já tinha vivido. Movida por uma liberdade afirma: “Ele me disse tudo o que fiz!” (Jo 4,39). O que é curioso neste aspecto é que ao afirmar que Jesus disse tudo o que ela fez, a samaritana provavelmente ainda não tinha dado conta, que aquilo que ela ouviu só foi possível porque ela primeiro disse por meio de sua abertura. Em outras palavras, não há como ouvir a verdade que vem do Cristo se primeiro não assumirmos nossas verdades, saindo de nossas mentiras. Se no início do encontro havia uma resistência, uma busca e um vazio, após uma entrega mútua cresce a liberdade, manifesta a verdade, encontra-se o que há

---

<sup>4</sup> Os falsos deuses que essa mulher teve, simbolizado na figura do marido, pode ser compreendido também à luz do pensamento de D. G. Benner: “A experiência da ausência de Deus é um lembrete pungente do que deveria ser óbvio, mas quase sempre não é. Deus não é como nós. Somos como Deus de alguns jeitos importantes, mas Deus é muito mais, é muito mais outro, está tão além, que deixamos de encontrar o divino quando procuramos um deus à nossa semelhança. Deixamos de encontrar o divino quando não reconhecemos que o Deus cristão da autorrevelação não raro é também um Deus oculto. [...] Mas, surpreendentemente, o Deus cristão muitas vezes parece oculto e afastado e está fora do nosso controle e manipulação. Essa frustrante independência de Deus é, segundo João da Cruz, uma das melhores provas de que Deus não é produto da nossa imaginação. Deus só é conhecido na fé e no amor”.



tanto tempo buscava e agora tão preenchida sente necessidade de partilhar e de apontar o caminho da vida e da alegria para outros (cf. Sl 32,8).

Na narrativa de Lucas 15,11-24 nos deparamos com um jovem que ao pedir a herança a seu pai resolve partir, perdendo os seus bens numa vida devassa (Lc 15,11-13). Diante de toda herança gasta, vê-se em privações. Se na narrativa anterior, a mulher samaritana tinha sede, aqui o jovem tem fome. Mais uma necessidade básica indispensável para a sobrevivência: comer. E será exatamente isso que o moverá ao retorno (Lc 15,17).

Para além da perda material, houve uma perda da dignidade (Lc 15,16). Diante da opção feita, não somente a fome física assola e destrói, mas a capacidade de ser ver como humano, assemelhando-se aos animais ou tornando-se mais desprezível do que aquilo que é oferecido aos porcos (cf. Sl 32,9). Assim o movimento de retorno não será pela capacidade de ser ver como filho e recuperar a relação paterna. Há apenas um impulso de encontrar uma possibilidade de ter abrigo e não morrer de fome, tornando-se um mero empregado.

Porém, aquilo já apresentado anteriormente em paralelo com o salmista (Sl 32,5a), encontra-se também na atitude desse rapaz que assume a sua culpa, o seu pecado: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15,21). Quando partiu, aquele rapaz se escondeu de Deus. Mas também se escondeu de si mesmo quando se deixou ser conduzido apenas pelo egocentrismo, pelas ilusões e por seu querer pessoal. Se o Pai ficou oculto de sua visão é justamente pelo fato dele ter colocado no lugar de Deus sua própria pessoa. Tornou-se autossuficiente.

Todavia, a capacidade de se assumir e fazer o caminho de volta, e conseqüentemente fazer um novo caminho para sua vida, é mais uma vez instrumento indispensável para sair do escondimento e tirar Deus do escondimento criado por nós mesmos (MAGGIONI, 2014, p. 73-74)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Bruno Maggioni ao refletir sobre o pecado, a misericórdia e a conversão, afirma o seguinte: “[...] a conversão bíblica se distingue por três características: a radicalidade, a religiosidade e o humanismo. [...] a conversão não é uma mudança externa ou parcial, mas uma mudança em todo o ser do homem e envolve o centro mais íntimo da pessoa. [...] não é o homem que se converte por si mesmo, mas é Deus que o muda. Não é confrontando consigo mesmo, mas com o projeto de Deus que ele descobre a direção e a medida da mudança. A primeira mudança não é a do homem para Deus, mas a de Deus ao homem. É esse movimento de graça e comunhão que torna possível a mudança do homem, oferecendo a ele o modelo a ser seguido. [...] a conversão é um retorno ao lar, isto é, à própria identidade, à sua originalidade: ao converter, o homem não se perde, mas é encontrado”.





Se tanto a mulher samaritana, como o jovem filho descobriram que a chave para finalizar o escondimento é abrir-se de maneira confiante e transparente, temos de outro lado a abertura permanente da misericórdia de Deus. Essa atitude se manifesta de maneira distinta nos dois relatos. A mulher ouve toda a verdade sobre si, mas não sente ofendida. E não se sente porque antes disse sobre si e o que ouve não escuta como condenação. Aquilo que é dito a ela de forma amorosa por Jesus é para um redirecionamento de sua história. Já o filho que retorna ao assumir o seu erro, recebe em vez de condenação a devolução de sua dignidade filial (cf. Lc 15,22), mas também o que há de mais simples e fundamental para se sentir humano e amado: compaixão, beijo e abraço (cf. Lc 15,20b).

Assim como o salmista sente a dor no corpo por conta do distanciamento de Deus e recupera a alegria e a vitalidade ao reencontrar consigo e com Deus (cf. Sl 32), o mesmo se dá na vida da samaritana que exultante testemunha aos outros, levando muitos a crerem e a encontrarem com o Senhor (Jo 4,39-42). De maneira não menos intensa, a festa, o júbilo, a alegria, a vida são devolvidas, a fome saciada, a dignidade recuperada ao jovem filho que retorna: “trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!” E começaram a festejar.” (Lc 15,23).

### **Quando se fecha...**

Os relatos bíblicos anteriores mostram o quanto a abertura interior é indispensável para que a graça divina aconteça na vida do ser humano. O que já podemos concluir que o oposto, o fechamento, pode provocar um distanciamento cada vez maior e um ocultamento ainda mais intenso de Deus e do homem.

A primeira parte do texto de Lucas, abordado anteriormente, fala do retorno do filho e do seu reencontro com a vida. Já a segunda parte, Lc 15,25-32, apresenta outra realidade daquele que acredita que vê e que está com o Pai. No entanto, o desfecho, curiosamente, é diferente.

Diz o texto bíblico que o filho mais velho ao aproximar de casa ouve música e dança, direciona-se a um dos servos e pergunta sobre o que está acontecendo (Lc 15,26-27). Ao saber do que se tratava, ele ficou com muita raiva e não quis entrar (cf. Lc 15,28a). Já aqui encontramos dois elementos que contribuem diretamente para o escondimento do homem. Se a compaixão, presente no pai, torna a pessoa solidária à dor alheia, esforça-se para ser terno



com o sofredor e assim criar uma profunda unidade, a raiva segue um caminho contrário. A raiva enquanto sentimento tira o raciocínio lógico, desequilibra o emocional, subtrai a calma. Se for compreendida como a doença que acomete primeiro os animais, como os cães, e que pode ser transmitida ao homem, provoca lesões no sistema nervoso, paralisa a respiração, uma hidrofobia que leva a morte. E está justamente nesse aspecto algo que nos é indispensável à compreensão: a raiva (sentimento ou doença) mata.

A reação de fúria do filho mais velho distancia por completo da compaixão que devolveu a vida a seu irmão. E essa não apenas o distancia. A raiva que o desequilibra leva à morte. Sua ira mata sua humanidade, mata seu irmão, mata sua filiação, mata o seu próprio pai (Lc 15,30). Se a compaixão ofereceu um novo hálito de vida para o filho mais jovem, a raiva produzida pelo filho mais velho tira de si mesmo o suspiro, a cadência do ar é suprimida, a vida vai aos poucos se apagando com uma chama que diminui quando lhe falta o oxigênio até se apagar por completo.

Se há uma recusa para entrar, há uma saída do pai, daquele que vai sempre ao encontro dos seus amados (Lc 15,28b). Essa é uma das mais belas características de Deus: sempre vem ao nosso encontro. Contudo, se barreiras foram criadas para este encontro, se o fechamento interior fala mais alto que o gesto de carinho que advém do outro lado, o que resta são gritos e exigências de privilégio: “há tantos anos que te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos.” (Lc 15,29).

A afirmação desse rapaz revela aquilo que há de mais sórdido nas relações, sejam elas interpessoais ou com o sagrado. Relaciona-se pelo benefício que pode receber. Relaciona-se pelo que pode alcançar. Relaciona-se pelo sucesso que pode ser obtido ou pelo lucro que lhe pode ser dado. Relaciona-se por uma simples conveniência. Relaciona-se até o momento em que lhe é útil. Enquanto deveríamos nos relacionar pelo prazer da companhia, pelo desejo de estar próximo, pelo querer participar das alegrias e também das tristezas, do relacionamento que se faz de entrega mútua e de partilha. Relacionamento que percebe a estrada sendo feita porque caminham lado a lado, sem perder a particularidade e a individualidade. Relacionamento que cresce com as dores. Relacionar por saber que o outro nos completa e nos faz mais inteiros. Relacionar para ser presença e presente (BARREIRO, 2003, p. 91)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Ao refletir sobre a parábola do Pai Misericordioso, Álvaro Barreiro afirma: “As pessoas fechadas em si mesmas não conseguem alegrar-se com as alegrias dos outros porque não amam. E não amam porque nunca se abriram por amor. Por isso mesmo, nunca fizeram a experiência de se sentirem amadas. As pessoas que se julgam



O “vômito” de ódio que sai da boca daquele rapaz revela ainda uma religiosidade doentia que assola boa parte daqueles que se dizem fiéis como ele. Afirmam que nunca foram embora, que sempre serviram e que em nenhum momento transgrediram uma regra. No entanto, apesar de não terem partido também nunca estiveram presentes. Não transgrediram as regras, mas também essas não foram executadas por amor e confiança e sim pelo medo ou pelo desejo de perfeição. Afirmam que estão com Deus, mas na verdade não permitem que Ele se aproxime. Pensam que O enxergam, mas na verdade Deus permanece escondido atrás de suas tiranias e desejos de predileção. Na verdade, não só Deus está escondido, mas há também um escondimento de si mesmo através da capa da devoção e da perfeição. Não houve pertença porque nunca houve encontro e porque nunca estiveram juntos.

Outra situação bem particular é narrada pelo evangelista Marcos (10,17-22). A perícopes cita que um determinado homem corre, ajoelha-se diante de Jesus, chamando-o de “bom” e pergunta o que é necessário para ter a vida eterna (Mc 10,17). Algumas características bem peculiares se apresentam neste personagem: corre – simboliza alguém que tem pressa, que deseja encontrar algo importante, que não quer perder aquela oportunidade, em que há uma disposição; ajoelha – atitude de piedade, pequenez, contrição, oração, reverência; chama Jesus de bom – demonstra reconhecer a virtude, neste caso praticamente a divindade presente ali; almeja a vida eterna – pessoa religiosa, que busca por Deus, que espera alcançar a transcendência. Se apenas ficamos com essas informações, seria possível dizer que é um fiel ideal. Que há uma verdade profunda em seu querer. Apesar de Jesus fazer uma observação dizendo que só Deus é bom, numa atitude provocativa para aquela pessoa, a afirmação do Cristo, retomando os mandamentos, é bastante objetiva.

Na sequência, aquele moço, como “exímio observador da lei” afirma que já realiza tudo aquilo há um bom tempo (Mc 10,18-20). Ele era conhecedor e praticante espetacular dos mandamentos. Assim fecha a primeira demonstração da identidade desse homem.

O que restaria para alguém que é um grande observador dos mandamentos, praticante da lei, de atitude contrita, que afirma a bondade de Jesus? Assim, como ele imaginava, muitos

---

autossuficientes e justas são também incapazes de perdoar porque nunca fizeram a experiência de se sentirem perdoadas. Por isso mesmo, são incapazes de entender a alegria de que foi perdoado e de partilhar dessa alegria. Quem nunca se sentiu amado, valorizado, perdoado, é incapaz de fazer a experiência do verdadeiro amor, do amor gratuito, do amor que sai de si para ir ao encontro do outro, para doar-se ao outro, para alegrar-se com o outro. Quem ama, pelo contrário, vive continuamente a experiência do ‘êxodo’, isto é, da *saida* de si, e da ‘páscoa’, isto é, da *passagem* permanente de si para o outro”.





pensam e vivem dessa maneira. Nada mais é necessário. Se cumprem todos os preceitos da lei de Deus e da Igreja, basta aguardar porque o céu já é deles. É o mérito.

No entanto, Jesus diz que não está completo. É preciso se desfazer dos bens que o prendem, dar aos pobres e segui-lo (cf. Mc 10,221). É como se as luzes que o cercavam, agora deixassem de existir para ele. Aquele homem é envolvido por uma penumbra. Ou melhor, suas falsas claridades deixam de existir. Sua forte e decidida personalidade se reveste de uma fraqueza e insegurança. Seu testemunho de perfeição ruiu por tamanha fragilidade. O dizer determinado de sua fala, embasado em sua grandiosa religiosidade, cede lugar a um mórbido silêncio verbal, mas que grita sua impotência e fechamento diante da proposta feita.

O moço rico mais que um detentor de riquezas materiais era alguém muitíssimo rico de si mesmo. Sua prática religiosa está voltada exclusivamente para si. O deus que serve é o que se encaixou na sua arrogância e que o recompensará por sua fiel observância da lei. O deus que ele descobriu é o deus bom que não questiona. O deus descoberto por ele está presente numa religiosidade egoísta, materialista, arrogante, individualista, pura, limpa e perfeita. Achou que havia encontrado com Deus, mas esse permaneceu escondido na magnífica prática religiosa que ele criou (AZPITARTE, 2005, p. 105)<sup>7</sup>.

O que o homem rico vive é aquilo que muitos cristãos têm vivido inseridos numa religião intimista, onde “um tal” deus se manifesta de forma tão devocional e moralista, que não revela o Deus verdadeiro. O Deus libertador, o Deus encarnado em Jesus de Nazaré, o Deus dos pobres e dos sofridos, o que Deus que se solidariza com os oprimidos por meio da Cruz foi anulado. Pensa-se numa libertação egocêntrica, os pobres são apenas aqueles de pouca fé, a cruz é um objeto bonito que emociona e que serve de amuleto. Não há uma compreensão de que a cruz é a maior prova de desprendimento. Muitos não entendem que o pedido de Jesus, deixe tudo e me siga, passa pela contínua e permanente capacidade de

---

<sup>7</sup> Diz Azpitarte: “certas práticas religiosas e bons sentimentos podem ocultar um distanciamento de fato, fazendo crer que se ama a Deus acima de tudo, quando na realidade existe uma vinculação maior a outros valores que lhe roubam a primazia, embora não de forma explícita e plenamente consciente. Se Deus é o primeiro, a atitude diante dos valores éticos deve ser positiva e de manifestar-se, por sua vez, nos atos concretos praticados de acordo com as exigências morais. Não corresponder a este chamado significa, na prática, que, embora se afirme outra coisa da boca para fora, existe algo que geralmente ou neste momento resulta mais atraente e nos deixamos seduzir por suas aparências. Dizer simplesmente sim, sem depois ser consequentes na realidade dos fatos, não é cumprir a vontade do Pai (Mt 21,30-31). É necessária uma boa dose de lucidez e honestidade para chamar cada coisa pelo nome e não se deixar seduzir pelas aparências enganosas”.



conversão. Tirar Deus do escondimento é busca-lo não por aquilo que Ele pode oferecer, mas pelo sublime desejo de simplesmente querer estar com Ele.

Para além disso, há algo de muito peculiar no texto de Marcos, diferente de Lucas (18,18-23) e Mateus (19,16-22). Na narrativa aqui analisada diz: “fitando-o, Jesus o amou e disse...” (Mc 10,21a). Antes de qualquer exigência ou direcionamento, Jesus olha fixamente e ama. A súplica do Cristo por renúncia e seguimento não é o seu primeiro ato. Seu primeiro gesto para com o ser humano é vê-lo e aceita-lo como ele é, e por isso o ama. Contudo, aquele homem não se deixou ser tocado por aquele olhar e envolvido por aquele amor. Estava preso, trancado demais em si. Não havia brechas para outro amor. Não havia abertura para ver outros olhares. Não havia verdade para descobrir a Verdade que estava à sua frente. Não havia profundidade e espiritualidade na sua prática religiosa para perceber que Deus ainda precisa ser descoberto, desvelado e revelado para si. Aquele deus que ele havia encontrado, não era Deus. Era o seu narcisismo revestido de divindade. O Senhor Deus permanecia oculto e escondido.

A passagem bíblica se conclui dizendo que após a palavra de Jesus, aquele homem partiu contristado e pesaroso (Mc 10,22). Se no início chega tão cheio de si e convicto de suas capacidades, no final parte encurvado sob o peso de seu pecado, de sua arrogância, de seu medo e de sua incapacidade de se esvaziar.

Recordando então o salmista que confessa seu pecado e se vê perdoado graças à sua sinceridade e pela misericórdia divina (Sl 32,5), é possível afirmar que somente aqueles que se reconhecem e se assumem necessitados da misericórdia, não camuflando suas atitudes nem levando máscaras sobre seus rostos, poderão permitir serem fitados pelo olhar de Jesus e alcançados por seu amor.

### **Conclusão**

Diante desse percurso feito, fica evidente que a bem aventurança anunciada pelo salmista (Sl 32,1), torna-se motivo de louvor e alegria real na vida de todos aqueles que buscam um coração reto, autêntico e verdadeiro (Sl 32,11). O orante do salmo, assim como a samaritana e o filho jovem que parte e retorna aos braços do pai, percebe que não há descoberta de Deus se não se busca, refazendo as rotas, mudando de caminho, desprendendo, falando, assumindo, amando a si e deixando-se ser amado. Permitindo que seja tocado, abraçado, envolvido pelo outro, partilhando com outrem aquilo que é e aquilo que encontrou.



O texto sagrado revela que Deus fica escondido não por opção d’Ele. Deus fica escondido porque primeiro o ser humano se esconde. Mas esse também só é capaz de descobri-lo se O busca (BENNER, 2011, p. 116)<sup>8</sup>.

Mas voltemos às perguntas iniciais: é possível que Deus permaneça escondido pra sempre? É possível que o homem se esconda permanentemente?

Podemos concluir que por mais que alguém se recuse a entrar na festa que Deus preparou para celebrar a vida (Lc 15,28), haverá sempre uma possibilidade de que um dia o coração entenda as palavras amorosas do Pai: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu” (Lc 15,31), e assim entenda que melhor que permanecer num solitário funeral de sua existência, é preferível celebrar o renascimento, a ressurreição na companhia de outros que voltaram a viver. É também provável, que por mais que alguém se sinta tão incapaz de desfazer de suas riquezas (Mc 10,22), que um dia, nem que seja no último suspiro silencioso de seu existir, não se deixe ser alcançado pela luz do olhar de Jesus que sempre o acompanhou e não se deixe ser envolvido pelo amor misericordioso que nunca o abandonou.

Nesta perspectiva, Ignacio Iglesias (1997, p. 95-96) afirma que neste encontro nasce uma profunda unidade, onde o ser humano na sua liberdade se vê comprometido com Deus e com o seu projeto para o mundo, não como um assalariado, e sim como filho. Por isso, este encontro promove não somente um diálogo entre o indivíduo e o Pai. Mas sempre implicará numa abertura, num desejo de encontrar com os demais seres humanos.

É com essa compreensão que o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (2013, n. 87) nos faz uma importante exortação:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos de comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos.

Outros dois aspectos dessa relação, como nos recorda a teóloga Maria Clara L. Bingemer (1998, p. 80-81), ao discorrer sobre “a sedução do Sagrado”, não podem deixar de ser destacados.

---

<sup>8</sup> Ao falar da possibilidade desse encontro, D. G. Benner diz: “No centro do mais profundo desejo de Deus para nós está o anseio divino de completar nossa transformação. O sonho de Deus para nós é que nos tornemos íntegros e sacros enquanto procuramos nossa identidade e satisfação na união mística com o Senhor Deus. Tudo o mais é de importância secundária – significativo apenas quando facilita ou impede essa jornada”.



Em primeiro lugar, a certeza que em comparação com o ser humano, o eros divino sempre apresenta mais forte, e assim vence as resistências humanas, restando ao homem e a mulher inclinar-se sobre a majestade divina. Dessa forma, esse toque divino ao mesmo tempo em que é suave, pois conforta e acalma, é “violento”, referindo-se a incapacidade que temos de resistir a esse amor, fazendo-nos render a Ele.

O segundo aspecto é que mesmo o coração humano sendo envolvido, seduzido pelo o Outro, esse ainda permanecerá escondido, pois sendo o próprio Deus, jamais será manipulável, Aquele sobre o qual o ser humano não tem poder de controlar. E isso não significa algo frustrante para o que busca Deus. Trata-se da pedagogia divina citada no início desse texto. Revela o quão grandioso é Aquele a quem queremos encontrar e nos desvelarmos para sermos preenchidos. É o permanente diálogo. É o constante encontrar-se.

Diz Maria Clara (1998, p. 81-82):

O Deus assim desejado e experimentado não se rende às impaciências frenéticas do homem, nem a sua ansiedade apaixonada, mas, soberanamente livre, vai encher com sua plenitude, quando e como desejar, a pobreza expectante e humilde que não deixa de desejá-lo e buscá-lo onde ele se deixa encontrar, para dele receber a salvação (a saúde) e a santidade.

De toda essa experiência de encontro e entrega, o que é possível afirmar e observar é que há o surgimento da alegria. Como também nos lembra Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018, n. 122-128), trata-se de uma alegria que vem da experiência libertadora no Espírito Santo, que nos assim encontrarmos e dialogarmos com Deus e com o outro. Não se trata de uma mudança ou de um encontro intimista. Mas uma verdadeira transformação que atinge os diversos âmbitos do ser e de nossas relações.

[...] Se deixarmos que o Senhor nos arranque da nossa concha e mude nossa vida, então poderemos realizar o que pedia São Paulo: ‘Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos!’ (Fl 4,4). [...] Não estou a falar da alegria consumista e individualista muito presente em algumas experiências culturais de hoje. [...] Refiro-me, antes, àquela alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, porque ‘há mais felicidade em dar do que em receber’ (At 20,35) e ‘Deus ama quem dá com alegria’ (2Cor 9,7). O amor fraterno multiplica a nossa capacidade de alegria, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros: ‘alegrai-vos com os que se alegram’ (Rm 12,15).

Assim, por mais que o escondimento aparente ser infinito, indeterminado, o Senhor há de possibilitar que as portas de tantos esconderijos e cárceres sejam abertas. Até no Xeol, onde se afirma que é o lugar habitado por aqueles que foram esquecidos e abandonados por Deus, a palavra sagrada nos abre a esperança que não é possível fugir eternamente da vida, da alegria e do amor que é próprio Deus. Tal possibilidade de encontro se manifesta no poema do salmista: “Para onde ir, longe do teu sopro? Para onde fugir, longe da tua presença? Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro” (Sl 139,7-8). Dessa forma, entende-



se que por ser Deus de amor infinito haverá da parte d'Ele sempre uma chance de que Ele seja encontrado para que continue a amar e ser amado. Pois Deus sempre espera!

## Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, [2002].

AZPITARTE, Eduardo López. Culpa e pecado: responsabilidade e conversão. Petrópolis: Vozes, 2005.

BARREIRO, Álvaro. A parábola do Pai Misericordioso à luz do quadro de Rembrandt: “o regresso do filho pródigo”. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BINGEMER, Maria Clara L.. A sedução do Sagrado. In: CALIMAN, Cleto (Org.). A sedução do Sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998. páginas 79-115.

BENNER, David G. Desejar a vontade Deus: alinhando nossos corações ao coração do Senhor. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2011.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica Gaudete et Exultate: Sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

IGLESIAS, Ignacio. La alegría de la conversion: “convertíos... y creed en el Evangelio”. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997.

MAGGIONI, Bruno. Dio ci aspetta sempre: il peccato, la misericórdia, la conversion. Milano: San Paolo, 2014.

SEGUNDO, Juan Luis. O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000.